

**Narrando a si e ao outro nas redes sociais:  
*Gossip girls* e as delícias da fofoca<sup>1</sup>**

Rosane Cardoso<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa o *boom* editorial *Gossip girls*, série que conta as aventuras de ricos adolescentes nova-iorquinos. O texto intermedeia a narrativa usual com a de um blog mantido por uma misteriosa personagem. Embora a coleção corresponda, em tese, às conhecidas tramas da narrativa de massa, ela leva a pensar, dada a ampla receptividade aos textos, sobre os novos modos com os quais o jovem se relaciona com o mundo e com a leitura.

**Palavras-chave:** Narrativa juvenil contemporânea; Leitura; Teen chik lit; Redes sociais.

**Abstract:** This work analyzes the editorial boom from the series **Gossip Girls**, which tells the love life adventures of rich teenagers in New York City, interposing usual narrative and a blog maintained by a mysterious female character. Although the collection corresponds, in theory, with the well-known plots of mass culture, the series makes you think, given a wide receptivity to the texts, about conceptions of reading and juvenile literature, from new ways the young finds in order to establish relations with the world and the reading.

**Keywords:** Contemporary Youth Narrative; Reading; Chick Lit; Social Networks.

*No se escribe para especialistas, sino que se debe llegar al lector más común y formar parte de una comunidad.*

Mario Vargas Llosa

Há muito são conhecidas histórias rocambolescas, dirigidas ao público feminino, sobre a busca e os percalços do amor. Até chegar ao final feliz, a heroína deve passar por mil apertos, deparar-se com um amor impossível – pelas mais variadas razões – para então ser

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no III Congresso Internacional de leitura e de Literatura Infantil e Juvenil e II Fórum Latino-americano de Pesquisadores de Leitura, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, nos dias 9, 10 e 11 de maio de 2012. O trabalho foi apresentado e consta nos anais do evento com o título de *De casadoiras a blogueiras: leituras sobre o amor e a fofoca nas redes sociais*.

<sup>2</sup> Doutora em Letras. Professora no Curso de Letras na Universidade de Santa Cruz do Sul e no Centro Universitário UNIVATES.

capaz de ver vitoriosos seus intentos ou, como também é comum, ceder à insistência amorosa do pretendente. Este enredo não constitui mistério para ninguém. De Barbara Cartland a Danielle Steel, a saga pelo príncipe encantado persiste, embora os empecilhos nunca sejam fáceis e ser princesa exija atributos que não pertencem às mortais comuns.

Paralelo a Danielle Steel, Nora Roberts e Barbara Woods, outro gênero, mais leve e divertido, vem recebendo aceitação das leitoras e enchendo os cofres das respectivas editoras. A *chik lit* tem como precursor *O diário de Bridget Jones*, de Helen Fielding, obra que revoluciona o romance amoroso convencional. A chave do sucesso é simples. Em geral, a protagonista tem entre 25 e 30 anos, ainda não encontrou o homem da sua vida e luta para superar uma ruptura dolorosa. Urbanas, em busca da realização profissional, são sexualmente livres e desfrutam dessa liberdade. A narrativa, em primeira pessoa, é ligeira e divertida. No final, solucionam seus problemas e aprendem uma importante lição de vida.

A *chik lit* é um fenômeno comprovado não só pela venda assombrosa de livros, como pelo êxito no cinema e na televisão<sup>3</sup>. O gênero nasceu nos anos de 1990 e segue firme e tem provocado identificação imediata na receptora que se sente “exatamente assim”, detectando que lhe sucedeu algo semelhante (VNUK, 2005), já que essas narrativas, ao contrário do conto de fadas de Cartland, por exemplo, não levam a terras exóticas, nem traçam heroínas de beleza inalcançável, muito menos o amor eterno. As protagonistas têm problemas de peso, estão preocupadas com a passagem do tempo, são atrapalhadas, inseguras. E, mesmo quando a vida é glamourosa, caso de *Sex and the city*, seguidamente o cartão de crédito estoura, o amante vai embora, há paixão e abandono, desengano que elas compensam com muitos sapatos, álcool e, principalmente, outros homens. Apesar dos equívocos românticos, são mulheres maduras que, por isso, sabem que devem seguir em frente, já que não restam alternativas: o aluguel tem de ser pago, a mesa de trabalho despachada, a dieta não pode parar. Ou seja, a adolescência acabou definitivamente e a responsabilidade pela própria vida pertence somente a essas decididas mulheres normais.

Na esteira da *chik lit*, nasce a *teen chik lit*<sup>4</sup>, dirigida ao público feminino adolescente e com as necessárias adaptações. Um dos destaques no gênero é a série *Gossip girls*. Mas se

---

<sup>3</sup> Além de *Sex and the city* e dos dois filmes de *Bridget Jones*, ainda há *O diabo veste Prada*, romance de Lauren Weisberger, levado ao cinema. Meryl Streep concorreu ao Oscar pela participação na película.

<sup>4</sup> Ver lista em <http://www.twpusc.org/library/teens/booklists/chicklit.htm>

engana quem espera histórias mais amenas por se dirigir a um público jovem e por falar de garotos de 16 anos, em média.

São 11 os principais livros da série, tendo em vista que o 12º surge para contar o “antes” das personagens envolvidas. Houve o lançamento, ainda, de *Os Carlyle*, outro *spin-off* da coleção. Ou seja, depois de encerrada a coleção, a autora volta com novas aventuras, como costuma acontecer em séries televisivas e/ou cinematográficas. Os seguintes livros compõem a série: 1) *As delícias da fofoca* (*Gossip girl*); 2) *Você sabe que me ama* (*You know you love me*); 3) *Eu quero tudo* (*All I want is everything*); 4) *Eu mereço!* (*Because I'm worth it*); 5) *Do jeito que eu gosto* (*I like it like that*); 6) *É você que eu quero* (*You're the one that I want*); 7) *Ninguém faz melhor* (*Nobody does it better*); 8) *Nunca mais!* (*Nothing can keep us together*); 9) *Vai sonhando* (*Only in your dreams*); 10) *Eu não mentiria pra você* (*Would I lie to you?*); 11) *Não me esqueça* (*Don't you forget about me*).

Lançado em 2003, *Gossip girls* rendeu uma bem sucedida franquia televisiva, já encerrada (pode-se assistir às reprises), e as bibliotecas seguem emprestando os livros e as livrarias, vendendo. Repleta de clichês relacionados ao amor, ao primeiro beijo e à relação sexual – o que às vezes é o mesmo – não deixa de entreter de acordo. Não parece ter a pretensão de ser levada demasiadamente a sério no que diz respeito à verossimilhança: a garota que pode beber até cair, voltar para casa no horário que quiser, tem sérias restrições sobre perder a virgindade, troféu a ser guardado para uma grande ocasião que não é, necessariamente, o casamento.

Embora o amor seja uma meta importante, constituir família não é o objetivo principal das garotas envolvidas, mais interessadas em discutir em qual universidade vão entrar. O sofrimento ocorre quando, por exemplo, o amado decide-se por uma universidade distante ou de menos *status*. Outros obstáculos recorrentes são o divórcio dos pais, a escolha da roupa ideal, as brigas com os irmãos, quem está transando com quem, a (possível) traição da amiga e, sobre todas as demais situações, a fofoca.

As principais personagens são Blair Waldorf, Serena van der Woodsen, Jenny Humphrey e o irmão Dan, Nate Archibald, Isabel Coates. O núcleo está baseado sobretudo em Blair, jovem rica passando por uma crise pessoal devido ao casamento da mãe com um homem que a garota detesta. Blair ainda sofre com o fato de sua melhor amiga, a belíssima e

popular Serena, ter passado uma larga temporada na Europa sem contatá-la. Entre elas existe Nate, namorado de Blair apaixonado, no início da trama, por Serena. Ao longo da coleção, muitas reviravoltas são propostas, amores são perdidos e reencontrados, amizades se constroem e são destruídas por inveja, ciúme, insegurança. Bastante mais movimentada que a *chik lit*, parece haver aí uma imagem da mobilidade adolescente, em descobertas constantes na constituição de determinada identidade, ainda que prevaleçam, como convém ao gênero, os clichês sobre juventude.

Ao buscar detectar-se quem é o leitor pressuposto ou o que é literatura juvenil<sup>5</sup> deste ponto de vista, a obra é restrita, a começar pelo grupo social que privilegia como personagens. São ricos, absurdamente ricos, e tem uma vida fabulosa, pautada pelas roupas de marca e pela atitude que convenha a sua classe social. Afora isso, estudam e fofocam, numa generalização sobre o que os adolescentes gostam de fazer, conforme atesta a editora: “adolescentes adoram fofocar em qualquer lugar do planeta”<sup>6</sup>. Cruel, às vezes, mas de um descarado voyeurismo, o leitor também espia a vida dos mais belos, mais ricos, mais *fashion*, conforme a editora promete:

No mundinho fabuloso dos jovens da alta sociedade nova-iorquina as fofocas **são sempre mais divertidas**<sup>7</sup>, nem que seja pelas suas roupas caras de estilistas famosos, pelas casas de férias em lugares hiperchiques, pelos litros de bebidas que consomem ou pelas brigas sem qualquer motivo. Em *Gossip girl*, iremos conhecer o universo quase secreto dos alunos das tradicionais escolas particulares para meninos e meninas [...]. Todos moram nos endereços mais caros da cidade, em apartamentos suntuosos com vista para o Central Park. Herdaram os traços clássicos de suas famílias aristocráticas e não têm muito com o que se preocupar: podem beber à vontade, contando que não deixem seus pais constrangidos; são inteligentes e, no máximo, ficam um pouco nervosos quando o assunto é sexo ou decidir em qual universidade irão se inscrever. Mas tudo sempre com muita classe, *of course*.<sup>8</sup>

Não resta dúvida quanto aos estereótipos presentes na apresentação em relação ao adolescente e, por consequência, à leitora adolescente. O jovem encara o futuro com vistas ao *status* social, celebridade, poder, sucesso e riqueza, ao mesmo tempo em que deseja os prazeres da vida com base no conforto e no luxo que o dinheiro lhe dará. Nem por isso, no entanto, deixa de pensar no bem-estar social e na renovação político-econômica,

---

<sup>5</sup> A série é catalogada como **literatura juvenil**.

<sup>6</sup> Comentário na apresentação da série.

<sup>7</sup> Grifo meu.

<sup>8</sup> A citação não está referenciada porque faz parte da apresentação da obra e aparece na contracapa de todos os livros da série.

preocupando-se com democracia, liberdade e independência. Erikson (1988), na revisão que faz da teoria da identidade na adolescência, afirma que o estabelecimento da identidade vem acompanhado de fortes interesses ideológicos. Nessa linha, a literatura tem estado ligada ao tipo de herói e tema que enfatizam valores sociais importantes para cada época, além de proporcionar a esse público todo o devaneio que for necessário. Para Heidrun Krieger Olinto (OLINTO, 1995, p.42), “a recepção literária evoca associações, emoções e fantasias que permitem desenvolver aptidões para construir sentidos”. Além disso, a literatura exclui os perigos da realidade, possibilitando sentimentos reais, vivência de ações da história sem, contudo, ter as consequências da realidade.

Porém, na recepção da série, os pecadilhos são tentadores. Nenhuma personagem está muito interessada no bem-estar social. E ninguém espera ser levado a sério. Mesmo assim, acompanhando o que dizem os estudiosos supracitados, é possível imaginar o devaneio do leitor diante da vida deslumbrante das personagens. Se, por um viés, a narrativa se torna algo irreal, a identificação é coerente com o desejo de status social e o jovem pode viajar pelo universo literalmente paralelo em que vivem as criaturas de Ziegesar.

*Gossip girls*, no entanto, inova ao intermediar a narrativa usual com a do blog mantido por uma misteriosa personagem, mimetizando, assim, um espaço virtual de interação por excelência. Enquanto a narrativa em terceira pessoa segue morna e sem originalidade, o blog rompe com quaisquer condescendências. Não se sabe quem é a blogueira que assina justo como *Gossip girl* e introduz o ambiente com a seguinte advertência: “todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu”<sup>9</sup>.

A nota se repete sempre que a fofoqueira aparece, tendo em vista que as páginas escritas por ela reproduzem o que seria um blog real. Isto é, embora haja uma mobilidade de novidades sobre os envolvidos, o formato gráfico das páginas em que ela aparece é sempre o mesmo. Do ponto de vista do conteúdo, pode-se dizer que ela cumpre o que promete, na medida em que a única protegida da própria língua ferina é ela mesma, pois as abreviaturas e omissões sobre os envolvidos não enganam a ninguém, nem aos leitores fictícios, nem aos pressupostos como reais.

---

<sup>9</sup> A citação não está referenciada porque aparece sempre que a *Gossip girl* entra em cena.

Outro fator de interesse na coleção é a onipresença da narradora. Ainda que na produção de massa isso seja comum, a inovação está em compartilhar informações e intrigas com os leitores virtuais que, por sua vez, também sabem muito sobre as personagens narradas. É como fofocar sobre gente importante num determinado contexto e poder debater impressões no grande fórum que fortalece opiniões absolutamente arbitrárias. Por outro lado, o envolvimento com a vida dos fofocados ratifica-lhes a posição de *high society* que representam. Em síntese, não são protagonistas por centralizar a trama, mas o são por ser o foco na vida e nas discussões de outro grupo, o da rede. Nessa situação, as personagens se virtualizam e passam a ser vistas como celebridades. Desse imbróglio nasce a verdadeira atriz principal, a gossip girl.

A adolescente que se apresenta no blog é maldosa, mimada e de uma irresponsabilidade moral atroz, reforçada por um inegável sarcasmo. Não importa a quem tenha de ferir. Simplesmente o faz, ovacionada por fieis seguidores. Vale destacar que se está diante de um espaço de domínio público. O que se diz, o que se vê, o que se contesta é livre. A dona do blog, entretanto, não atua assim por despeito de classe ou por depreciar o mundo em que vive o grupo que detrata. Ela também pertence aos seletos:

Aqui no Upper East Side, todos conhecemos a cura para a melancolia: uma dose de vestidos de noite totalmente sexy Jedediah Angel, um par de Manolos de cetim preto, aquele novo batom vermelho “Ready or not” que você só pode comprar na Bendel’s, uma boa depilação com cera na virilha e uma montanha generosa de loção de auto bronzamento Estée Lauder, para o caso de o bronzamento de St. Barts que restou do feriado de Natal finalmente ter desaparecido. A maioria de nós está terminando o ensino médio – *até que enfim*. Nosso pedido de admissão na faculdade foi encaminhado e nossa agenda está leve. (ZIEGESAR, 2009, p.8-9)

Na mesma linha, recebe *posts* como esses: “Minha família sempre passa as férias de primavera no Havá porque eu tenho quatro irmãos menores que adoram surfar – eu sei, minha vida é um inferno”. (ZIEGESAR, 2008, p.152). Que não se subestime esse “inferno”. Ele pertence a um sofrimento verdadeiro. Não está em questão a possível superficialidade das personagens, nem se pensa aqui em relacionar à idade dos envolvidos, mas na dimensão que atingem enquanto imersos em um mundo que existe mais do ponto de vista das redes sociais do que no cotidiano real. Ou seja, a queixa da menina que vive um inferno havaiano é dirigida não a amigos ou familiares, mas a uma ilustre desconhecida com quem, no entanto, possui total intimidade para contar medos e infelicidades.

A fofqueira não parece existir na vida dos protagonistas da narrativa. Seu protagonismo se deve àqueles que a admiram e a veem como a mais onipresente das criaturas. Ela é o narrador privilegiado de um mundo ao qual não pertencem os que a acompanham no blog. São variados *posts* nos quais faz suas análises da situação, recebe observações e perguntas, dá conselhos, conhece gente. Além disso, sua onisciência abre os capítulos de cada livro, faz supor que a outra narrativa também lhe pertence.

Apesar de a abordagem adentrar aos sites de relacionamentos, não chega a ser totalmente original esta narração. *Gossip girls* é fiel seguidora das *chik lit* *Sex and the city* e *Bridget Jones*. Tanto em um quanto em outro texto, a voz em *off* da narradora antecede, intermedeia e complementa os acontecimentos com impressões pessoais. *Sex and the city* não deixa esquecer que o que se passa faz parte da coluna da autora. *Bridget Jones diaries*, como indica o nome, são as pérolas cotidianas, amorosas, profissionais que a protagonista lança no diário.

Se *Gossip girls*, como literatura juvenil, não está na ponta das discussões como logrou estar *Harry Potter* ou a saga *Crepúsculo*, ao menos tem sido debatido de forma polêmica. A exposição de jovens, especialmente meninas, à sexualidade, oferece um vasto campo de discussão a estudos de gênero (TOFFOLETI, 2008). Além disso, insere-se na cultura do espetáculo. Ser adolescente, nesse contexto, poderia ter como sentido, segundo Toffoleti (2008), o retrato de uma representação não realística da adolescência feminina, um ideal praticamente sem possibilidade de fazer parte da vida cotidiana. Por outro lado, o leitor, apesar de não se identificar como a vida social das personagens cheias de privilégios, não está impedido de fantasiar, sentindo o prazer desse mundo raro, caracterizado como um “poderia ser”. Para a autora, algo mais pode ocorrer: a identificação não precisa de um esforço da fantasia, pois a leitora comum pode, através das relações que estabelece nas redes sociais, fingir-se de personagem semelhante àquela que admira na narrativa: “como a experiência *transmídia* sugere, o espetáculo adquire um novo sentido quando imergimos nas tecnologias.” (TOFFOLETI, 2008) <sup>10</sup>.

A série faz parte do momento em o livro impresso “deixa de ser um modelo absoluto para o escritor, uma vez que hoje narrativas sem papel, ou até mesmo híbridas, podem se

---

<sup>10</sup> “As the transmedia experience suggests, the spectacle takes on new meaning as we become immersed within technologies.” **Tradução minha.**

utilizar de vários suportes para publicação” (COSTA, 2011, p. 35). O mesmo, como vimos, pode ser pensado sobre o leitor, guardadas as devidas proporções. Com isso, o conceito de livro e, por conseguinte, o de literatura, começa a trepidar. Os gênios não desaparecerão, nem mesmo o livro, ao menos assim parece. Trata-se de uma revolução de forma, modos e práticas.

Segundo Armando Petrucci (1997), o que se percebe em relação à leitura é o fato de estarem se instituindo novas formas de ler. Uma nova leitura de massa, chamada por alguns de pós-moderna, se configura como anárquica, egocêntrica, baseada no imperativo de cada um ler – e poder ler – o que bem entende. O consumidor da cultura de mídia se acostumou a mensagens fragmentadas. Como resultado, formaram-se leitores que não possuem um cânone ou ordem de leitura, nem adquiriram respeito pela ordem do texto, com começo, meio e fim. Esses leitores também são capazes de acompanhar uma sequência de acontecimentos extremamente longa, contanto que seja dotada das características de hiper-realismo mítico que são próprias da ficção narrativa do tipo dito “popular” (PETRUCCI, 1997, p. 220). O nascimento das novas práticas de leitura e do leitor anárquico, representado, sobretudo, pelos jovens, tende a tornar-se o modelo predominante no futuro. (PETRUCCI, 1997).

*Gossip girls* corresponde e não corresponde aos estudos de Petrucci, embora tenha que se levar em conta o fato que o “modelo predominante do futuro” ainda não chegou. Ainda que a rede faça parte intensivamente da vida do adolescente, ele ainda não abandonou o suporte de papel, como comprova a venda intensa de livros. Talvez não precisem, uma vez que a mimetização proposta pelo blog, juntamente com a trama tradicional, supram o entremundos onde estão. Ou, se pode ter a ciência de que o que o leitor quer é um texto que o atraia, sem que se entre, aqui, no mérito da referida leitura.

A leitura literária para adolescentes cobra definição e atenção por estar ligada, seguidamente, à infantil, ou então, num extremo oposto, à adulta. No Brasil, tanto *Alice no País das Maravilhas* como os romances de Alencar e Machado de Assis estão inseridos na literatura juvenil. No meio, pululam textos de qualidade questionável juntamente com alguns excelentes, todos buscando atender ao gosto do seu público-alvo. Assim, essa literatura segue, muitas vezes, aquilo que supostamente o jovem deva ler ou gostar de ler, segundo a ótica do adulto.



A crítica que se ouve, *grosso modo*, em relação ao jovem e a sua relação com a leitura online diz respeito à fragmentação do conhecimento e da dificuldade em concentrar-se em uma leitura exigente quando o ambiente virtual oferece tanto dinamismo. O adolescente faz parte o grupo social que mais acessa as novas mídias e as redes sociais. Porém, se essa dispersão é verdadeira e se o ambiente virtual tem realmente tanto poder, também é fato a aceitação do leitor adolescente por histórias impressas sobre bruxos, vampiros, meninas ricas, etc. E, sobretudo, são textos que não estão sendo lidos na rede. A *web*, como sabemos, é o espaço em que os fãs dessas aventuras discutem e divulgam essas obras. Assim, de fato, o que tem mudado em relação ao que se oferece à literatura e ao leitor juvenil?

A série contradiz, igualmente, o clichê que o adolescente não lê. Não apenas esta coletânea como vários outros fenômenos midiáticos têm demonstrado que o jovem lê independente do número de páginas e de livros de uma mesma franquia. Também é fato que há narrativas, caso de Harry Potter, por exemplo, que encontra público entre gente madurríssima – em idade ou intelectualmente. Pode-se citar ainda *O senhor dos anéis*, escrito entre 1937 e 1949, e que teve seu (*re*)boom recentemente.

Ao finalizarem-se essas reflexões, depara-se com uma série de paradoxos. Um deles é a apresentação de um conjunto de textos de literatura juvenil entre o tradicional e novo. Repare-se, porém, que por “tradicional” não se estende o canônico legitimado pelas grandes obras clássicas, mas o canônico da cultura de massa, na medida em que temos, por um lado, a aventura conhecida, entremeada de sofrimento amoroso, intrigas e superação e, por outro, a inovação na medida em que se cria a história dentro da história para narrar os novos modos de interação do grupo que mais se aproxima dos ambientes virtuais.

*Gossip girls* dificilmente será um texto para se discutir na posteridade como um clássico da literatura juvenil. Mas, coerente com o seu tempo de produção e de recepção, resulta numa amostragem no mínimo interessante entre a vida que nos circunda e a vida que se constrói nas redes sociais. A série faz pensar no quanto esta nova cultura oportuniza o estatuto de usuários ativos que “estabelecem uma experiência social totalmente diferenciada dentro de um ambiente interativo” (SILVA, 2003, p.46). No caso da trama, *personas* são construídas e destruídas, virtualizadas e tornadas reais. De modo recorrente, o blog chama a atenção para personagens que não são vistos na narrativa central. Paradoxalmente – outra vez

o paradoxo – as “pessoas” da história são menos reais do que as que se estabelecem na rede/blog. Estas existem porque são ditas, analisadas, concretizadas pela voz dos que acompanham a blogueira, o grande mistério virtual da narrativa.

Sim, outro contra senso. A garota é venenosa, amoral, sem limites ou parcialidade. Ou, pelo menos, não há indícios sobre o que a levaria a ser mais ou menos parcial. Sua hegemonia como narradora se acentua também porque não escreve apenas sobre as personagens envolvidas, mas “atende”, dando conselhos – sempre agressivos – para aqueles que a consideram um guru. Dá muito trabalho, portanto, manter-se anônima. Mas esse, também, é todo o seu *status*. Os 15 minutos de fama podem se perpetuar *ad eternum* se ela se mantiver exatamente assim: oculta, incisiva e, sobretudo, ciente do que se passa com cada um dos seres que vivem na “dura” realidade do Upper East Side. Ser rico, definitivamente, não é tudo no mundo das celebridades.

Se, talvez, estas reflexões parecem demasiado negativas sobre o que se refere à abrangência do fenômeno das redes sociais na literatura juvenil, deixa-se claro que, como pensa Lèvy (1996), essa revolução não precisa ser catastrófica. É uma proposta aberta a uma nova sensibilidade estética e ao virtual como um espaço infinito de criação. Ainda que seja na base da fofoca.

## Referências

CARDOSO, Rosane. *Os heróis de sempre para os leitores de hoje: uma conceituação de narrativa juvenil*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1998. Disponível Biblioteca Central da PUCRS.

COSTA, Cristiane. Novas estratégias narrativas nos meios digitais. In: VÁRIOS AUTORES. *Deslocamentos críticos* – São Paulo: Laboratório Online de Crítica Literária, Núcleo de Audiovisuais e literatura, Itaú Cultural. São Paulo: Babel, 2011.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ERIKSON, Erik. *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GOSSIP GIRLS. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Gossip\\_Girl](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gossip_Girl). Acesso em 29 de abril de 2012.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CAVALLO, Gugliermo & CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTANA, Camila Lima Santana e. *Redes sociais na internet: potencializando interações sociais*. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume1/ensaio-05-camila.pdf>. Acesso em 06 de maio de 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro (Coord.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

TOFFOLETTI, Kim. *Gossip girls in a transmedia world: the sexual and technological anxieties of integral reality*. In: *Papers: Explorations into Children's literature*. 2008. p.71. Disponível em: <http://www.somerset.qld.edu.au/conflib/images/general/Kim%20Toffoletti%20-%20Workshop%2009%20Keynote.pdf>. (2008). Acesso em 06 de maio de 2012.

VNUK, Rebecca. *Chick lit: hip lit for hip chicks*. Library Journal, 15/07/2005. Disponível em: <http://www.libraryjournal.com/article/CA623004.html>. Acesso em 07 de maio de 2012.

ZIEGESAR, Cecily von. *As delícias da fofoca*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010.

\_\_\_\_\_. *Você sabe que me ama*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Eu quero tudo!* Rio de Janeiro: Galera Record, 2010b.

\_\_\_\_\_. *Eu mereço!* Rio de Janeiro: Galera Record, 2009.

\_\_\_\_\_. *Do jeito que eu gosto*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2008.

\_\_\_\_\_. *É você que eu quero*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ninguém faz melhor*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Nunca mais!* Rio de Janeiro: Galera Record, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Vai sonhando*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Eu não mentiria para você*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2008c.

\_\_\_\_\_. *Não me esqueças*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2008d.